

IMPORTÂNCIA DA LITERATURA CONTEMPORÂNEA DE TEMÁTICA LGBT PARA A EDUCAÇÃO

Gabriela Alves Brandão de Mendonça - UNB¹
Profa. Dra. Maria da Glória Magalhães dos Reis - UNB²

Resumo: O presente artigo pretende apresentar os porquês de trabalhar literaturas que abordam a temática LGBT na educação básica. Inicialmente discutiremos acerca do silenciamento histórico de literaturas que abordam temáticas LGBT e da representação deficiente desse grupo. Em seguida, faremos uma conceituação da literatura contemporânea, apresentando suas características e relações com as literaturas até então silenciadas. Assim, estabeleceremos uma ponte entre a literatura contemporânea e a educação, no âmbito da importância da representatividade e, depois, elaboraremos um plano de aula baseado nos preceitos de uma orientação didático-reflexiva abordando a literatura contemporânea de temática LGBT a partir do conto *Flor, flores, ferro retorcido*, de Natalia Borges Polesso.

Palavras-chave: Ensino de literatura. *Amora*. Literatura contemporânea. Representatividade.

Abstract: This article intends to present the reasons for working literatures that approach the LGBT theme in education. Initially we will discuss about the historical silencing of literatures that approach LGBT themes and the deficient representation of this group. Next, we will make a conceptualization of the contemporary literature, presenting its characteristics and relations with the previously silenced literatures. Thus, we will establish a bridge between contemporary literature and education, within the scope of the importance of representativity, and then we will elaborate a lesson plan based on the precepts of a Didactic-reflexive orientation approaching contemporary LGBT literature using the short story "Flor, flores, ferro retorcido", by Natalia Borges Polesso.

Keywords: Teaching literature. *Amora*. Contemporary literature. Representativeness.

Introdução

Em quase todas as discussões a respeito da questão da representatividade, seja na literatura, cinema ou nas várias esferas artísticas e do entretenimento, há sempre o argumento de que não tem como dar destaque ou oportunidade para algo que “não existe”, ou seja, argumentam que LGBTs, mulheres, negros e classes ou grupos oprimidos não produzem, nem são produzidos para que sejam publicados e divulgados. Porém, assim como também não cabe às outras questões de representatividade e grupos em questão, esse argumento não cabe ao grupo LGBT, principalmente em relação à contemporaneidade, pois o número de escritores e de obras LGBTs é enorme, se for feita uma pesquisa e levantamento sérios e empenhados a respeito. A verdade é que existe um grande número de obras que tratam desses grupos e de

¹ Graduanda em Letras pela Universidade de Brasília – UNB. Contato: gaabi.alvees@gmail.com

² Doutora em Língua e Literatura Francesa pela Universidade de São Paulo (2008).

Professora Doutora Adjunta 3 – Universidade de Brasília – UnB. Contato: gloriomagalhaes@gmail.com

autores que fazem parte dele, porém, quando esses têm ao menos a chance de serem publicados, ou não recebem a relevância devida, ou a questão LGBT presente nas obras é apagada, procuram outros aspectos para serem discutidos e boicotam aquilo que não querem ou fingem não enxergar.

A literatura LGBT, como é chamada, existe desde séculos passados, mas até pouco tempo se passava despercebida, escondida e ignorada. Atualmente existem grupos especializados em recuperar tais obras e tentar dar-lhes o valor que não receberam a sua época, porém, mesmo na contemporaneidade, ainda é muito difícil conseguir reconhecimento e oportunidade nas grandes editoras. A escritora Cassandra Rios, por exemplo, teve diversas de suas obras com temática LGBT publicadas, sendo inclusive uma das escritoras mais vendidas, porém, a não ser as pessoas que viveram na mesma época de suas populares e polêmicas publicações, pode-se ter dificuldade em encontrar alguém que a conhece ou seu nome em listas de clássicos da literatura. Isso nos leva a questionar o que envolve e leva a esse silenciamento: a censura, o boicote, a tentativa de esconder, de ignorar. Mesmo sendo uma das escritoras mais vendidas de sua época, ou talvez de todos os tempos da literatura brasileira, pouco se ouve falar e discutir de fato sua literatura. Esse tipo de invisibilidade também é presente em vários outros setores artísticos brasileiros, e até mesmo na mídia, como foi o exemplo do jornal O Lampião da Esquina, que tratava de assuntos, além de LGBT, políticos, financeiros e fazia até mesmo denúncias de injustiças presentes na sociedade. Foi um importante meio por onde se divulgava o trabalho de pessoas e temáticas LGBT, porém, apesar de ter tido grande relevância na época de sua publicação, hoje, já extinto, a não ser para o próprio público LGBT, o jornal dificilmente é lembrado ou é objeto de estudo.

O Lampião tem, em praticamente todas as suas edições, a presença da “Coluna Literária”, na qual se publicava autores desconhecidos da literatura LGBT+ ou homoerótica. Assim, a coluna tinha como propósito um maior reconhecimento do trabalho e da importância desses autores para a comunidade LGBT+ do Brasil, em um momento de repressão. (CRUZ e SILVA, 2017, p. 3)

Em relação a essa ausência de destaque às obras referentes aos grupos LGBTs, ela se estende até as mais amplas pesquisas a respeito das grandes obras ou grandes autores da literatura brasileira. Encontramos diversos nomes de autores ditos renomados nas listas dos clássicos e cânones da literatura. Porém, em uma pesquisa feita pelo Grupo de Estudos em Literatura Contemporânea da UnB acerca do perfil dos autores e personagens da literatura brasileira, podemos constatar a falta de representatividade que existe no meio literário: de 1965 a 1979 temos 88,8% de personagens heterossexuais nos 131 romances estudados; de

1990 a 2004 temos 81,0% em 258 romances e de 2005 a 2014 temos 85,7% em 303 romances. A porcentagem restante está dividida entre homossexuais, bissexuais, assexuado, ambígua/indefinida, não pertinente e sem indícios. Esses dados levaram em conta obras publicadas pelas principais editoras do país durante esses anos.

Fica clara e comprovada, a partir da análise da pesquisa supramencionada, que há uma invisibilidade LGBT no meio literário, seja nos personagens, seja nos autores, que em sua maioria são homens e raramente homossexuais explícitos ou assumidos, vide Mário de Andrade, que apenas anos após sua morte teve sua sexualidade “revelada”, o que nos leva a questionar se, caso fosse assumidamente homossexual, seria considerado um grande autor da mesma forma e com a mesma oportunidade que teve, ou se teria ao menos a chance de publicar alguma obra. Isso tudo põe em xeque a questão de identificação com a arte literária, pois é fato que a sociedade não é composta de mais de 80% de heterossexuais, mas, ainda assim, é o que temos presente nas obras literárias de maiores destaques. Com isso, falta representatividade do meio LGBT e conseqüentemente faltam, para esse público, personagens e/ou autores que surtem o fator de identificação e representação na sociedade, isso sem levar em conta os fatores de cor, posição socioeconômica e sexo desses personagens. A literatura invisibiliza o LGBT, seja quando uma editora recusa um(a) autor(a) LGBT, quando recusa uma obra de temática LGBT ou quando se abstém da divulgação e publicidade dessas obras.

O que vamos discutir aqui serão as conseqüências presentes na sociedade devido a esse apagamento histórico de grupos específicos na literatura, em especial os LGBTs. A partir disso, devemos relacionar esse cenário com a perspectiva da literatura contemporânea e sua tentativa de mudar e lutar contra esse “sistema” silenciador e como essa literatura, na perspectiva educacional, pode atingir os objetivos de denúncia e transformação.

1. Literatura contemporânea como resposta para o silenciamento

A Literatura Contemporânea é a literatura que vem romper com os padrões existentes no meio literário do escritor homem, branco e hétero, que escreve sobre o que quer, da forma que quer. É uma literatura na qual não apenas a obra em si tem sua função, mas tudo por trás e pela frente; desde aquele que a escreve, até a quem escreve e onde ela chega. E dentro do conceito de contemporaneidade, temos ainda grupos mais específicos, com lutas mais específicas, como a literatura negra, a literatura da mulher, a literatura LGBT. Porém, em geral, todos lutam por algo em comum: o direito de falar e ser ouvido.

Nessa literatura, um dos pontos focais é o local de fala, onde o negro escreve sobre a vivência negra, a mulher escreve sobre a vivência da mulher, o LGBT escreve sobre a

vivência LGBT. A representação dos grupos até então invisibilizados e oprimidos começa desde quem escreve até o que é escrito.

Apesar dessa maior participação e poder de fala que a Literatura Contemporânea traz, de acordo com Regina Dalcastagnè,

[...] não se trata apenas da possibilidade de falar – que é contemplada pelo preceito da liberdade de expressão, incorporado no ornamento legal de todos os países ocidentais -, mas da possibilidade “de falar com autoridade”, isto é, o reconhecimento social de que o discurso tem valor e, portanto, merece ser ouvido. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 19)

Isto é, essa Literatura, também conhecida como Literatura Marginal, além de todas as dificuldades que enfrenta, precisa ainda “lutar” por sua legitimidade; legitimidade essa que depende exatamente das classes dominantes, como a maioria masculina e branca da Academia Brasileira de Letras, que depende de “intelectuais” reconhecidos que se interessem em estudá-la e pesquisá-la, que depende de uma mídia principal que não tem interesse nem vantagem em contrariar a cultura de exclusão existente na sociedade, tendo de se apoiar, então, nas pequenas mídias.

Na obra “O que é lugar de fala?”, Djamila Ribeiro discorre sobre as consequências do “não poder falar”:

[...] não poder acessar certos espaços; não poder estar de forma justa nas universidades, meios de comunicação, política institucional, por exemplo, impossibilita que as vozes dos indivíduos desses grupos sejam catalogadas, ouvidas, inclusive, até de quem tem mais acesso à internet. O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos o lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social.

Quando falamos de direito à existência digna, à voz, estamos falando de locus social, de como esse lugar imposto dificulta a transcendência. (DJAMILA, 2016, P.)

Fazendo uma ponte entre essa citação da Djamila e o que a professora Regina fala a respeito da busca por legitimidade da literatura contemporânea, vemos que a história sempre tentou colocar grupos específicos em lugares de marginalidade, longe dos ambientes “dominantes” e, conseqüentemente, até os dias de hoje temos esses distanciamentos. Portanto, nossa literatura contemporânea pode ser relacionada com o conceito de Giorgio Agamben acerca do conceito de Contemporâneo:

[...] contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros. Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente. (AGAMBEN, 2010, p. 62-63)

Essas características do que é contemporâneo estão atreladas à chamada Literatura Contemporânea. Temos nessa Literatura autores/obras que trazem principalmente denúncias a respeito da ainda tão presente desigualdade social, racial e de gênero presentes na sociedade, a respeito do distanciamento, da marginalização de determinados grupos e do pouco direito de acesso às possíveis formas de mudança desse cenário, como Djamila e Regina apresentaram. Ou seja, contradizendo a ideia de que vivemos em uma sociedade democrática e igualitária que é frequentemente vendida, essa literatura enxerga além da aparente e enganosa luz e denuncia a escuridão que ainda permeia a sociedade.

A partir disso, podemos estabelecer um paralelo entre essa contemporaneidade e a Literatura LGBT. Vinculada à Literatura contemporânea, a Literatura LGBT existe e sempre existiu como forma de, além de quebrar os padrões existentes no meio e representar de forma autêntica um grupo pouco retratado, também denunciar a LGBTfobia que permeia, de forma escondida e velada, a sociedade. Ela vem para denunciar o apagamento e/ou a má representação de LGBTs nos meios artísticos e de entretenimento; a discrepância entre teoria e prática de direitos da comunidade. Através dessa literatura, da narrativa de suas verdades e vivências, os autores LGBTs tentam preencher uma lacuna existente na história e no meio literário.

Atualmente, apesar da forma ainda pioneira, começamos a ver indícios de uma mídia pouco mais aberta e “ousada”, que trata de temas relacionados às classes oprimidas, como o grupo LGBT. Na literatura, talvez pelo avanço do meio tecnológico e mídias sociais, também vemos um crescimento de acesso às obras da Literatura LGBT. Temos como exemplo, em Brasília, a editora Padê Editorial, idealizada e montada por Tatiana Nascimento e Bárbara Esmenia, que publica livros, feitos de forma artesanal, de autoras negras periféricas, lésbicas, que estão fora do destaque literário e editorial, como forma de dar voz e oportunidade às vozes até então pouco ouvidas ou silenciadas. No portal da própria editora está colocado: “celebramos y procuramos escritas que combatam as opressões (racismo, classismo, gordofobia, capacitismo, intelectualismo, capitalismo, especismo, mau-caratismo y mau-humor), em especial aquelas feitas por amantes em geral: do céu, da dança, da risada, da vida, do espírito solto y da palavra afiada.”³. Exemplos como esse mostram que, apesar de todas as dificuldades e pressões inerentes de uma sociedade ainda eurocêntrica, cristã e culturalmente discriminatória, há grupos que estão lutando e alcançando novos espaços e públicos através da Literatura e arte em geral.

³ Disponível em: <<https://pade.lgbt/sobre/>> Acesso em: 26 nov, 2018.

2. A literatura contemporânea na educação e a importância da representatividade e representação:

Como pontapé inicial na discussão da relação da Literatura Contemporânea com a educação, é importante mencionar que nos Parâmetros Curriculares Nacionais está presente, como orientação de conteúdo a ser abordado da 1ª a 8ª série da educação básica, a Pluralidade Cultural e Orientação Sexual, como pode ser constatado no portal do Ministério da Educação na internet.⁴ Durante toda a fase escolar, após a alfabetização, supostamente estudamos literatura. Dos primeiros anos do fundamental até os últimos anos do ensino médio devemos conhecer os movimentos e manifestações artísticas da literatura. Porém, não encontramos, praticamente nunca, obras com personagens, temáticas ou autores LGBTs.

Essa ausência nos mostra que a problemática envolvendo o silenciamento desses grupos está atrelada a questões antecedentes a educação em sala de aula. Há no ambiente escolar essa abstenção por parte da maioria dos professores em relação a temática LGBT, ou por ser um tema que pode gerar repercussão negativa em relação a alunos e pais, seja pela falta de preparo ou simplesmente por preconceito por parte dos próprios professores, esses que podem chegar até a disseminar discursos homofóbicos e preconceituosos.

Daniel de Souza trata em seu trabalho acerca da importância da abordagem da temática LGBT na educação sobre essas problemáticas:

A exclusão do aluno na sala de aula e na escola, espaço e local que deveriam exemplar quanto a inclusão, é na maioria das vezes o espaço onde a exclusão acontece de forma silenciosa, mas direta. O texto abaixo aponta para tal realidade.

...foi na sétima série, no primeiro dia de aula. A professora chegou e falou para nos apresentarmos para todo mundo. Não sei se foi uma brincadeira que ela fez, mas eu guardo até hoje essa coisa dela. Eu estava me apresentando e ela disse: _ ‘qual é mesmo o teu nome?’ Eu falei: _ ‘Fabiano’. ‘Como é mesmo, Fabiana?’ Nisso eu fui motivo de gozação o ano inteiro e até terminar a oitava série. Foram dois anos agüentando ser chamado de viado! Fabiana! (RAMIREZ NETO, 2006, P. 139, apud ANDRADE e col., 2016, p. 5) (ANDRADE e col., 2016, p. 5)

Podemos dizer então, que além das questões sociais, culturais e comportamentais, o professor passa ainda pela dificuldade de se desvincular dos preconceitos “impregnados” na sociedade em que ele mesmo está inserido, e ainda pela dificuldade de sua própria formação, que podemos supor que não os prepara para tratar tais questões em sala de aula. Como supomos e como discutiremos a seguir, há realmente um distanciamento e apagamento dessas

⁴ Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pnpd/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/12640-parametros-curriculares-nacionais-1o-a-4o-series>> Acesso em: 26 nov, 2018; e <<http://portal.mec.gov.br/observatorio-da-educacao/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/12657-parametros-curriculares-nacionais-5o-a-8o-series>> Acesso em: 26 nov, 2018.

abordagens, tendo o cenário da formação literária como foco, na instrução profissional do futuro professor.

Sabendo que Pluralidade Cultural e Orientação Sexual são matérias presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais, surgem ainda mais questionamentos a respeito da invisibilidade LGBT presente na sociedade, educação e em específico na literatura. Pois, por experiência própria, essas matérias foram pouco trabalhadas em toda minha trajetória educacional. E, ao ingressar na Universidade de Brasília, no curso de Letras Português – Licenciatura, formação dos futuros professores de português e literatura, essa invisibilidade ficou ainda mais clara.

O curso de Letras Português Noturno, na Universidade de Brasília, possui em seu currículo, como obrigatórias, quatro diferentes matérias de literatura (Barroco/Arcadismo, Modernismo, Realismo e Romantismo) e em nenhuma delas há aprofundamento na Literatura LGBT, que, quando ao menos citada, é trabalhada superficialmente. Ou seja, no meio acadêmico, que forma os futuros professores e os futuros estudiosos da área de literatura, já existe um distanciamento da temática LGBT e sua literatura, ou da Literatura contemporânea como um todo, a não ser que o professor que leciona a matéria fuja completamente do rumo geralmente seguido. Apesar desse cenário, temos como matéria optativa do currículo do curso a matéria Literatura Brasileira Contemporânea, que, apenas se o aluno de graduação reparar que ela existe e decidir cursar, trabalhará a literatura LGBT, a literatura marginal e literatura do oprimido. Literaturas essas que, exatamente por vivermos na contemporaneidade, costumam ter mais conteúdo de aproximação e identificação com a maior parte da população brasileira. Ou seja, uma das matérias que seria, talvez, a mais importante na formação de um professor de Língua Portuguesa e Literatura da contemporaneidade, não é nem mesmo parte da grade obrigatória do curso de graduação.

Tatiana Nascimento, em sua tese de Doutorado em Estudos da Tradução, reflete moderadamente a respeito dessa falta de abertura às outras literaturas e linguagens no meio acadêmico em seu trabalho:

Mas as práticas acadêmicas ou escolarizadas são consideradas “letramento dominante” (STREET, 2006, p. 472, apud NASCIMENTO, 2014, p.59), ou seja, mesmo que reconheçamos uma infinidade de possibilidades de letramento, há um padrão ou modelo que desconsidera outras práticas de letramento como legítimas (ativista, afetiva, religiosa, de trabalho, familiar etc). Assim, esse padrão (ou referente) constrói toda uma marginalização em relação a outras formas de escrever e ler, e também marginaliza as pessoas que se usam mais desses que daquele. (NASCIMENTO DOS SANTOS, 2014, p.59)

Importante, antes de seguir, esclarecer a respeito do Letramento a que se refere Tatiana. Letramento seria o fator a mais da alfabetização: não apenas ou simplesmente ler e escrever, a pessoa letrada sabe utilizar o que lê e escreve, tem domínio sobre aquilo que lê e absorve. E assim como Tatiana, Renata Junqueira Souza também defende que há mais de um letramento:

É porque as práticas sociais da escrita são diversificadas que, talvez, seja mais adequado falar de letramentos, assim no plural, para designar toda a extensão do fenômeno, ou mesmo de multi-letramentos, que procura abranger toda a complexidade dos meios de comunicação de que, hoje, dispomos (THE NEW LONDON GROUP, 1996, apud SOUZA, 2011, p. 102). Vem dessa compreensão da pluralidade do letramento a extensão do significado da palavra para todo processo de construção de sentido [...] (SOUZA, 2011, p. 102)

O que poderíamos apontar aqui seria, então, uma deficiência na formação acadêmica, com recorte na formação de professores. Essa deficiência seria atrelada a ou resultado de um silenciamento de outras formas de letramento, geralmente aquelas ligadas a vida fora do cientificismo e classicismo acadêmico, às vivências, às manifestações *ativistas e afetivas*, como cita Nascimento. Porém, os universitários em formação para a docência terão de lidar exatamente com essas manifestações em sua carreira, encarando diferentes existências e possibilidades de Letramento; e com essa formação de apagamento, pode acabar reproduzindo a mesma prática de apagamento e de limitação de expressão.

Ou seja, essa deficiência na formação de professores acaba gerando uma deficiência também na educação básica. A literatura contemporânea, incluindo a literatura LGBT, que seria um dos caminhos mais fácil e eficaz de tratar as matérias de Pluralidade Cultural e Orientação Sexual presentes no PCN e de tratar a própria literatura, fica esquecida. Ainda, por termos nessas literaturas temáticas mais presentes, principalmente se o público estudantil advier da Escola Pública, no cotidiano dos alunos, seria possível estabelecer, assim, uma relação de proximidade e identificação, tornando o aprendizado mais interessante e, de certa forma, mais útil aos olhos dos próprios alunos.

Maria do Socorro Oliveira traz em um de seus trabalhos uma discussão a respeito da importância da literatura/letramento para o sistema educacional e social num sentido de formação/transformação do aluno:

Tratando do letramento crítico, estudiosos afirmam que o propósito maior dessa orientação é formar o cidadão crítico capaz de analisar e desafiar as forças opressoras da sociedade, de forma a torná-la mais justa, igualitária e democrática; capaz de lutar contra a cultura do silêncio e defender a produção de um conhecimento cultural como um elemento de força no jogo de discursos conflitantes (FREIRE, 1973; McLAREN, 1988; GIROUX, 1997). (OLIVEIRA, 2010, p. 336)

Ou seja, fazendo uso da literatura, visando o letramento no âmbito literário e crítico, tentando se desvencilhar de uma prática padronizada e padronizadora, seria possível modificar e transformar o meio social, principalmente pela educação. Como já mencionado, além de exercer o papel de uma literatura de representatividade e identificação, a literatura LGBT também poderia servir como forma de conscientizar todo o coletivo educacional acerca das questões deste grupo e movimento, podendo construir uma sociedade com mais respeito, tolerância e aceitação. É de extrema importância que alunos, cidadãos em formação, tomem conhecimento das diferenças que existem em sociedade e, não o bastante, que visualizem essas diferenças também em posições de prestígio. O ensino, nesse panorama, visaria apresentar aos alunos possibilidades diversas de expressão, de vivência e novos letramentos, que os aproximasse do meio literário, através da literatura contemporânea, por exemplo.

É importante frisar o quanto a literatura contemporânea e, mais especificamente, a literatura LGBT seriam importantes. Seria uma forma de representatividade no meio artístico que poderia, assim, inspirar e incentivar alunos em fase de descoberta, aceitação e transformação a, ao se verem retratados ou retratando, buscarem seu lugar, caso queiram, na arte, especialmente na literatura brasileira.

Essa questão da representatividade é apresentada e discutida por Giulia Ebohon, no blog colaborativo *Eu, Tu, elas*:

[...] não me enxergar no outro me faz questionar se posso ser como o outro. A ausência de modelos negras em um desfile me faz questionar se eu posso ser modelo. A falta de médicas negras me faz crer que não posso ser médica ou que, ao menos, deve ser bem difícil. A falta de protagonistas negras em papéis não subalternos me faz pensar que talvez eu não seja boa o suficiente para ocupar um espaço de destaque. A falta de reflexos nos revelam barreiras e não horizontes. (EBOHON, 2016)

Apesar de sua fala estar relacionada diretamente à representatividade negra, a problemática por ela apresentada também se encaixa na questão da mulher, dos LGBTs e de todos os grupos marginalizados. A representação e a não representação têm importantes consequências para os grupos relacionados; em especial consequências ruins para não representação e má representação. Como Ebohon apresentou: como se ver inserido na sociedade de forma positiva quando não há referências disso na mídia e na arte, em especial para esse estudo a literatura? Ou ainda, como se ver inserido de forma positiva se, quando representado nesses meios, essa representação é ruim? Se casais LGBTs têm sempre finais infelizes, ou acabam mortos ou motivos de piada, se travestis e transexuais são retratadas em

posição de inferioridade e fragilidade na sociedade, como uma pessoa real, longe da ficção retratada, se enxergará diante da sociedade, tendo esses cenários como referência? É quase certo que essa forma de representatividade causa um sentimento de desesperança, que causa desmotivação para que as pessoas pertencentes a esses grupos busquem mudar esses cenários.

Por outro lado, como tem-se apresentado nesse trabalho, a literatura contemporânea e a aparente democratização das mídias e meios digitais vêm colaborando para as novas formas de representação das minorias e grupos até então silenciados. Regina discorre acerca da importância dessa representação:

Reconhecer-se em uma representação artística, ou reconhecer o outro dentro dela, faz parte de um processo de legitimação de identidades, ainda que elas sejam múltiplas. Daí o estranhamento quando determinados grupos sociais desaparecem dentro de uma expressão artística que se afundaria exatamente na pluralidade de perspectiva. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 147)

Como Dalcastagnè apresenta, a expressão desses grupos até então apagados, não é apenas “mais uma” forma de apresentar e representar, mas é também um possível meio de busca por mudanças. Além da “representatividade” ter efeitos diretos às pessoas que estão (ou não) sendo retratadas, também causa efeitos nas demais. A sociedade em si, em especial a Brasileira, que ainda é uma das que mais violenta e mata mulheres e LGBTs no mundo, também está assistindo/lendo/vendo os grupos, que já se encontram em situação marginalizada, sendo retratados de forma inferior. O homem hétero branco que assiste à mulher lésbica negra sendo retratada como “criminosa” e/ou pobre e/ou periférica e/ou sexualizada e/ou morta terá, fazendo um paralelo consigo mesmo, uma representação inferior a ele. Esse problema pode alimentar sentimentos preconceituosos da cultura da sociedade.

Pegando essa problemática, podemos (re)afirmar que a literatura LGBT, inserida no contexto da literatura contemporânea, tem recursos para modificar os cenários de ausência de ou má representatividade do grupo LGBT que uma turma ou uma escola como um todo estejam vivenciando.

Em uma Pesquisa de Iniciação Científica no contexto educacional, Letícia Lima, orientada pela professora Maria da Glória, fala a respeito da função importante da literatura na educação (para a vida):

Além de humanizar no sentido de fazer o leitor enxergar o outro, o qual é diferente dele, a literatura humaniza na medida em que faz o leitor adquirir uma percepção maior de si mesmo, o faz enxergar suas mazelas e buscar ser um ser humano melhor. Pode-se afirmar, nesse sentido, também, que a imagem realista da vida que a obra traz, mais do que a imaginação, caminha na via de humanização. (LIMA & MAGALHÃES DOS REIS, 2016, p. 43)

Tendo como gancho a abordagem da literatura como humanizadora, é possível propor que a educação em si deve ser uma troca mútua entre educador e educando. Ou seja, não basta o professor “jogar” conteúdo em seus alunos, falar apenas do que e como lhe interessa e esperar que a recepção e o entendimento de tudo sejam de 100% para seus alunos. Dentro de sala o aluno, o educando, também tem a oferecer para a construção mais eficaz do conhecimento e cabe ao educador encontrar as melhores maneiras e os melhores materiais para trabalhar essa relação em sala de aula; e isso influi diretamente, por exemplo, no caso do professor de literatura, na escolha estratégica de obras que abordam temas que despertem o interesse dos alunos e que, não apenas isso, os tornam capazes de refletir, transformar, agir e criticar, que os humanizam.

Como discutido por Maria da Glória em relação ao ensino de literatura na universidade:

É preciso ter em mente, em nossa relação com os educandos, o quanto nosso discurso pode contribuir para que ele construa o seu próprio a partir de nossa palavra persuasiva e dos discursos que propomos a eles. (MAGALHÃES DOS REIS, 2016, p. 289)

Portanto, levando em conta o que foi discutido até aqui, podemos afirmar que a abordagem da diversidade e dos diferentes tipos de letramento têm conteúdo e função importantes e úteis para um professor educador, tanto no meio acadêmico, quanto na educação básica; e a literatura contemporânea, em especial na área de Literatura e línguas, é um meio válido para isso, pois é uma literatura que traz muitos aspectos realistas da sociedade, é mais representativa em relação aos grupos oprimidos e marginalizados da sociedade, e pode, portanto, tocar em questões importantes para os alunos, seja pela identificação com tais grupos e suas linguagens, seja pela curiosidade, seja pela empatia de os conhecer, reconhecer e entender melhor suas vivências, criando, assim, alunos/pessoas reflexivos acerca de temas presentes e importantes para a vida em sociedade.

A seguir, será elaborada uma ODR, Orientação Didático-Reflexiva, utilizando o conto “Flor, flores, ferro retorcido”, da autora gaúcha Natalia Borges Polessa, presente na obra *Amora*, como sugestão prática da utilização do texto literário no âmbito da homossexualidade feminina, parte da Literatura LGBT/contemporânea.

3. Orientação Didático-Reflexiva

A Orientação Didática-Reflexiva foi construída no âmbito do grupo de pesquisa GEDLLE (Grupo de Estudos em Línguas e Literaturas Estrangeiras)⁵, na Universidade de

⁵ Disponível em: <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0524323240846821>> Acesso em: 26 nov, 2018.

Brasília - UnB, visando uma alternativa para o ensino de Língua Estrangeira. Foi baseada no conceito de “sequência didática”, que é um conjunto de atividades pedagógicas organizadas em torno de um gênero textual. Na ODR o gênero textual, ou o texto, não é apenas um instrumento, mas sim um mecanismo norteador da sequência didática.

Aqui faremos uma proposta de plano de aula, pautada pela Orientação Didático-Reflexiva, pondo em prática o uso didático da Literatura contemporânea - LGBT. Para isso, levaremos em conta Objetivos e Conteúdos presentes no Currículo em Movimento da Educação Básica para ensino fundamental-anos finais:

- 1) **GÊNERO:** Conto
- 2) **AGENTES DISCURSIVOS:** Alunos do 9º ano do Ensino Fundamental.
- 3) **SUPORTE:** Obra “Amora”, de Natalia Borges Polessio.
- 4) **SUGESTÃO DE DOCUMENTO:** Conto “Flor, flores, ferro retorcido” e Redação acerca do tema “Homofobia em questão no Brasil”.
- 5) **AÇÕES DE LINGUAGEM:**
 - a. Compreensão oral;
 - b. Compreensão escrita;
 - c. Expressão escrita.
- 6) **OBJETIVOS⁶:**
 - a. Reconhecer a relevância da prática cidadã e humanista na aquisição de saberes;
 - b. Valorizar a leitura como elemento de processo comunicativo;
 - c. Confrontar opiniões, expressar ideias, despertando a criticidade por meio de argumentos;
 - d. Observar e identificar elementos pertinentes a gêneros textuais;
 - e. Promover debate, analisar, identificar e elaborar textos argumentativos.
 - f. Identificar e construir o humor, suspense e mistério em diversos gêneros textuais.
 - g. Compreender e produzir gêneros textuais (literários e não literários) que abordem pluralidade cultural.
- 7) **TEMPO ESTIMADO:** 2 aulas duplas = 4h/aula
- 8) **ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA ORIENTAÇÃO:**
 - a. Leitura oral do conto com a turma em círculo.

⁶ Objetivos contidos no Currículo em Movimento para o Ensino Fundamental – Anos Finais do Distrito Federal, disponível em: <<http://www.se.df.gov.br/curriculo-em-movimento-da-educacao-basica-2/>> Acesso em: 26 nov, 2018.

- b. Debate acerca das questões socioculturais englobadas no conto.
- c. Levantamento e discussão de características do texto (expressão, estrutura, tempo) com colaboração ativa dos alunos.
- d. Explicação expositiva acerca das origens e características do gênero conto e gênero narrativo, com auxílio das características já levantadas anteriormente com os alunos.
- e. Explicação comparativa das diferenças entre o gênero narrativo e o gênero dissertativo argumentativo, utilizando como exemplo uma redação sobre “Homofobia em questão no Brasil”, retirada da internet⁷, para fins de comparação com o conto.
- f. Atividade avaliativa/reflexiva em duplas para elaboração de um conto.

9) CONTEXTO DE PRODUÇÃO E USO:

A obra utilizada para a elaboração da ODR é *Amora*, publicada em 2015, da escritora gaúcha Natalia Borges Polesso, mulher e lésbica; fatores destacáveis no contexto contemporâneo do meio literário e da sociedade. Como já discutido no decorrer desse artigo, a literatura LGBT é de extrema importância como forma de luta e resistência contra um sistema silenciador dessas vozes. E, através da educação, é possível transformar a sociedade e consequentemente o contexto de invisibilidade que esse grupo enfrenta. Ou seja, a obra de Natalia, utilizada como material de e para estudo, é importante tanto na questão de conteúdo, como também na questão reflexiva como objetivos da educação; preparar as pessoas tanto para a prova de vestibular, o mercado de trabalho, quanto para a vida em sociedade.

O conto *Flor, flores, ferro retorcido*, um dos mais de 30 presentes na obra supracitada, trata exatamente do preconceito presente na sociedade acerca das diferentes expressões e orientações sexuais. O conto parte da perspectiva das lembranças de uma mulher, já adulta, de sua infância, quando ouve dos pais e vizinhos a palavra “machorra”, palavra usada de cunho pejorativo e ofensivo para se referir a uma mulher lésbica, sendo atribuída à uma vizinha. A partir daí ela passa a questionar a todo tempo qual seria o significado daquela palavra e no decorrer do conto, é muito evidente a visão inocente e ingênua da criança, que acredita nas explicações falsas de sua mãe tentando distorcer o teor preconceituoso da palavra dizendo que era uma doença. A menina tenta durante toda a narrativa ser solidária com a vizinha descrita como “machorra”, não entende as explicações e significados da palavra, pois não percebia doença aparente na vizinha chamada Flor. Em determinado momento, a menina, em uma conversa com a amiga de infância, não dá as respostas esperadas de uma menina “hétero” e sua amiga diz que, por conta disto, ela também é machorra e a menina passa a se questionar se

⁷ Redação disponível em: <<https://www.imagine.com.br/redacao-homofobia-em-questao-no-brasil/>> Acesso em: 26 nov, 2018.

tem a mesma “doença” da vizinha, que na interpretação dela estava longe das nomenclaturas de orientação sexual.

É interessante refletir acerca do conto a respeito de como se dão os preconceitos na sociedade. A menina, dentro de sua inocência infantil, não julgava sua vizinha por suas diferenças; nem mesmo enxergava diferença. Porém, no contexto onde ela estava inserida, as pessoas faziam pré-julgamentos e atribuíam palavras e termos em tons jocosos ou pejorativos acerca da personagem que aparenta ser lésbica, que não se demonstra em nenhum momento do conto, nem nas lembranças da menina, uma pessoa maldosa ou de caráter duvidoso. Um dos momentos do conto em que a vizinha se mostra gentil é quando a menina cai e ela logo presta ajuda:

No outro dia, fiquei plantada no muro para ver se a encontrava e, quando ouvi as alpargatas arrastadas se aproximando, me estiquei mais ainda por cima da cerca. E caí. Ela veio correndo me socorrer e me lembro de uma voz de fada me perguntando se eu estava bem, se tinha me machucado. (POLESSO, 2015. p.58)

Essa contradição entre o comportamento defensivo-agressivo das pessoas contra a personagem Flor e, em contrapartida, o carisma dela deixa a menina curiosa e confusa durante a narrativa.

Além do que é explícito no conto, ainda podemos tirar críticas e mensagens subentendidas de algumas passagens: a descrição de “machorra” como uma doença, assim como o discurso de classificação da homossexualidade como uma doença; o medo dos adultos nas cenas de aproximação da criança com a personagem Flor, assim como o discurso de que a homossexualidade pode ser influenciada, como se fosse uma escolha; a falta de diálogo entre os adultos e as crianças, mesmo sendo um assunto muito presente no meio em que vivem e mesmo a criança demonstrando muita curiosidade; a construção dos estereótipos de gênero, quando a amiga da narradora diz que por ela gostar mais da amiga do que de algum menino qualquer, ou não saber se gosta mais de boneca ou carrinho, ela seria “machorra” também.

Esses são alguns dos pontos chave para a discussão e o diálogo dentro de sala para que os alunos reflitam de forma crítica acerca do conto e possam relacionar com acontecimentos da vida em sociedade, além de oportunizar a autocrítica daqueles que têm algum tipo de preconceito construído, levando em conta a representatividade do conto que foge dos preconceitos e estigmas acerca da homossexualidade. Mariana Souza Paim, em um de seus artigos, fala a respeito da representação positiva da lesbianidade na obra *Amora*:

As personagens de *Amora* também apontam para uma aposta em direção a uma representação positiva da lesbianidade, já que elas vivem o afeto que descobrem por outras mulheres sem se questionarem sobre os seus

sentimentos, que é tratado o tempo inteiro como algo natural, que acontece sem maiores razões ou conflitos. (PAIM, 2018, p. 7)

Ao destacar que a autora é mulher e lésbica e levar em conta que sua escrita traz um cenário de representação de forma natural e sem estereótipos, ainda podemos abordar a questão da baixa representatividade plural que a literatura carrega e as mudanças que a literatura contemporânea vem fazendo nesse quesito, como a obra *Amora*, que além de abordar grupos antes silenciados, ainda faz isso de forma positiva a partir de escritores que realmente fazem parte desses grupos. Essa discussão pode servir de inspiração para a turma, em especial para as alunas e/ou alunos que se identificam ou estão em fase de descoberta como LGBTs. Toda essa discussão da obra na educação, como Ana Valéria Goulart dos Santos aponta em seu trabalho acerca da “*Representatividade lesbiana na obra Amora*”, pode contribuir de forma positiva na formação de cidadãos preparados para lidarem com as diferenças internas e externas em sociedade:

[...] ressalta-se a importância de consumir obras escritas pelas minorias políticas, para que dessa forma, possa haver uma divulgação dos temas tratados por elas e, conseqüentemente as discussões tão saudáveis para o amadurecimento social. (SANTOS, 2018, p. 12)

10) ELEMENTOS LINGÜÍSTICOS-DISCURSIVOS E/OU LITERÁRIOS:

- a. Marcadores de tempo na narrativa, passado, presente e futuro.
- b. Elementos característicos do gênero conto: é importante discutir com os alunos acerca das origens do gênero conto: é importante discutir com os alunos acerca das origens do gênero conto, no “contar histórias” de antigamente, que era feito de forma oral. A partir daí, tornará mais clara a explicação das principais características de um conto: uma história ficcional narrada, texto curto, com alguma mensagem importante em conclusão.
- c. Elementos característicos do gênero dissertativo argumentativo.

11) REFLEXÃO PEDAGÓGICA:

- a. Propor atividade em dupla: um dos colegas terá de contar uma história oralmente ao colega de dupla (real ou fictícia) e o outro terá de transformar a história em um conto. Com essa atividade, será possível avaliar o quanto os alunos entenderam os conceitos e teorias acerca do gênero conto e da diferença e relação entre a expressão oral e escrita.

12) ATIVIDADES COMPLEMENTARES:

Pedir aos alunos um desenho que represente o que o conto lido causou neles, além de um parágrafo dissertativo argumentativo sobre a importância deste mesmo conto para suas vidas em sociedade.

Considerações Finais

Com esse trabalho foi possível discutir o cenário literário e seus problemas de silenciamento e falta de representação de grupos específicos, que são, geralmente, oprimidos em sociedade; e a literatura, que deveria ser um meio de expressão e arte “democrático”, pouco reconhece as temáticas e escritores relacionados a esses grupos, estabelecendo uma história, até então, de apagamento.

Ainda no âmbito literário, podemos observar que a literatura contemporânea, pioneiramente chamada de literatura marginal, vem tentando mudar o cenário de apagamento dos grupos oprimidos; é uma literatura escrita e representada por esses grupos. Apesar da forma ainda precária e pouco presente na formação de futuros professores de Língua Portuguesa, essa literatura já vem tomando alguns espaços e destaque no meio acadêmico e destaque, devido às facilidades da era digital em que se encontra.

A partir do exposto, podemos reafirmar a importância de se trabalhar temáticas envoltas de grupos oprimidos socialmente, como LGBTs, na educação, como tentativa de mudar os cenários de violência que muitos desses grupos sofrem ainda hoje em nosso país. E a literatura contemporânea, em específico a literatura que trata de temáticas LGBT, se mostra uma das formas eficazes para tratar desses temas ainda na educação. Como já discutido, seria uma forma de elucidar os futuros cidadãos ativos da sociedade acerca da diversidade presente no mundo e, assim, colaborar para a formação de pessoas mais tolerantes e respeitosas frente às diferenças e também para proporcionar ambientes de auto-identificação e acolhimento para aqueles pertencentes aos grupos até então discriminados.

Portanto, esse artigo é de suma importância, principalmente se levarmos em conta o cenário político, social e cultural pelo qual o país passa, em que tendências e ideais conservadores vêm tomando conta dos espaços, pois ele apresenta de forma objetiva, através de dados e argumentos, o quanto podemos modificar, através da educação, uma sociedade para que tenhamos mais respeito às diferenças, empatia e acolhimento.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Trad. Vinícius NicastroHonesko. Chapecó: Argos, 2009.

ANDRADE, D. S.; NOBREGA, M.S.G. ; SILVA, S.C.L. . O papel da escola e do professor quanto ao assunto homossexualidade: um estudo com professores de uma escola pública. In: CINTEDI- Congresso Internacional de Educação Inclusiva, 2016, Campina Grande. Anais II CINTEDI. Campina Grande: Realize, 2016. v. 1.

CAPARICA, Marcio. Lado Bi: Apagada por mais de 160 anos, a poesia LGBT brasileira é resgatada por pesquisadoras. Disponível em: <<http://www.ladobi.com.br/2017/10/poesia-gay-brasileira/>>. Acesso em: 15 maio 2018.

CRUZ, F. P.; SILVA, L. S.. O LAMPIÃO DA ESQUINA COMO VEÍCULO DE DIVULGAÇÃO DE AUTORES DA LITERATURA LGBT NO FINAL DA DITADURA MILITAR NO BRASIL. In: Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades, 2017, Salvador. Anais Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades, 2017.

DALCASTAGNÈ, R.. Literatura brasileira contemporânea: um território contestado. 4. ed. Rio de Janeiro, Vinhedo: Editora da UERJ, Horizonte, 2012. v. 1. 208p .

DALCASTAGNÈ, R.. A personagem do romance brasileiro contemporâneo (1990-2004). Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, v. 26, p. 13-71, 2005.

EBOHON, G. (04 de 07 de 2018). *A falta de representatividade fragmentou meu lugar comum*. Fonte: Eu, tu, elas: Ebohon, 2016) <https://feminismonapratica.wordpress.com/2016/02/16/a-falta-de-representatividade-fragmentou-meu-lugar-comum>

LANNES, Paulo. Metrôpolis: Perfil do escritor brasileiro não muda desde 1965, diz pesquisa da UnB. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/entretenimento/literatura/pesquisa-da-unb-perfil-do-escritor-brasileiro-nao-muda-desde-1965>>. Acesso em: 14 maio 2018.

MAGALHÃES DOS REIS, Maria da Glória. Literatura e ensino: uma abordagem por meio das práticas teatrais. Revista Cerrados (Brasília. Online), v. 25, p. 283-301, 2016.

MAGALHÃES DOS REIS, Maria da Glória; LIMA, L.. O ENSINO DE LITERATURA NA EDUCAÇÃO BÁSICA E A FORMAÇÃO DO LEITOR. Revista Eletrônica Cadernos CIMEAC, v. 6, p. 39-53, 2016.

MATRÍCULA Web: CURRÍCULO DA HABILITAÇÃO - LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVA LITERATURA. Disponível em: <<https://matriculaweb.unb.br/graduacao/curriculo.aspx?cod=4146>>. Acesso em: 16 maio 2018.

nascimento dos santos, tatiana. Letramento e tradução no espelho de Oxum: teoria lésbica negra em auto/re/conhecimentos; orientadora, Luciana Rassier – Florianópolis. 2014.

OLIVEIRA, Maria do Socorro. Gêneros textuais e letramento. RBLA, v. 10, n. 2, p. 325-345, 2010

PAIM, Mariana S.. Amora: um panorama sobre a diversidade das representações da lesbianidade nos contos de Natalia Borges Polesso. 2018

POLESSO, Natalia Borges. Amora. Porto Alegre: Não Editora, 2015

RIBEIRO, Djamila. O que é: lugar de fala?. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

ROWEL, Elizabeth H. *Missing! Picture Books Reflecting Gay and Lesbian Families*. U.S, 2007.

SANTOS, A. V. G.. Representatividade Lesbiana na Obra *Amora* de Natalia Borges Polesso. <http://dx.doi.org/10.23899/relacult.v4i0>, v. 4, p. 1-12, 2018.

SOUZA, R; COSSON, R. *Letramento Literário: uma proposta para a sala de aula*. In: *Conteúdo e didática de alfabetização*, UNESP.